



# A IMPORTÂNCIA DA PARTICIPAÇÃO DA MULHER NA HISTÓRIA

Daniel Sofal Russo <sup>1</sup>

Isabela Lavalle Rios <sup>2</sup>

Mikaele Duarte de Souza <sup>3</sup>

João Pedro Blanco Masso <sup>4</sup>

Samuel de Oliveira Rodrigues <sup>5</sup>

<sup>1</sup>Graduando em Filosofia bacharelado/licenciatura Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), dansofal@gmail.com

<sup>2</sup>Graduanda em Filosofia bacharelado/licenciatura Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), bela2000lavalle@gmail.com

<sup>3</sup>Graduanda em Filosofia bacharelado/licenciatura Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), mikaeleduarte111@gmail.com

<sup>4</sup>Graduando em Filosofia bacharelado/licenciatura Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), joapedro.blanco1@gmail.com

<sup>5</sup>Graduando em Filosofia bacharelado/licenciatura Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), cacuca08@gmail.com

## Resumo:

O grupo DaniellIsabelaMikaeleJoaoPedro, composto pelos integrantes Daniel Russo, Isabela Lavalle, João Pedro Blanco, Mikaele Duarte e Samuel Rodrigues, busca, através de seu artigo *A importância da participação da mulher na história*, da área da sociologia da história, demonstrar como a figura feminina foi ofuscada da historiografia oficial e, assim, contribuir para a promoção da igualdade de gênero por meio de um ensino reformulado da história.

**Palavras-chave:** História; invisibilidade; educação; igualdade; mulheres;

**Área do conhecimento:** Sociologia da História.

## 1. Introdução:

Enquanto a figura feminina foi delegada, por muito tempo, ao ambiente privado, a historiografia tradicional preocupou-se em analisar o que se passava no ambiente público, reservado aos homens. Assim, apesar do notório papel exercido pelas mulheres no progresso da sociedade, é nítida sua menor presença nos livros de história, que dedicaram-se a analisar instituições estritamente masculinas, invisibilizando a importância de ações femininas para os acontecimentos responsáveis por mudar os caminhos do mundo. Os discursos da educação tradicional, especialmente da disciplina história, contribuem para a manutenção da



visão masculina de mundo, e esse é um problema que pode ser solucionado através de uma abordagem crítica do material escolar na sala de aula e também pela inclusão nos livros didáticos de narrativas que hoje são marginalizadas.

Foucault, em seu livro *A ordem do discurso*, defende que “Todo o sistema de educação é uma maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que estes trazem consigo.” (FOUCAULT, 1971, p. 15). A construção de um sujeito se dá pelos diferentes discursos que ele recebe durante a vida. Sendo assim, academia é uma poderosa instituição que tenderá a manter ou modificar certos discursos e a educação é a sua forma de transmissão. Mas o discurso não necessariamente precisa trazer a verdade para causar o seu efeito num indivíduo. Nesse sentido, é importante analisar as diferentes facetas do discurso tradicional da historiografia e demonstrar como ele é parcialmente verdadeiro, já que, como defende Tedeschi, o pensamento educacional na história brasileira é inflexivelmente machista e patriarcal (TEDESCHI, 2007, p. 330). Tal pensamento, então, reproduz o discurso tradicional patriarcal e invisibiliza a mulher como participante ativa da história humana (*ibidem*, p. 335). Assim, este artigo pretende analisar alguns discursos tradicionais presentes na história do pensamento e demonstrar como podemos diminuir a invisibilidade da mulher a partir da introdução de novas perspectivas discursivas (no sentido Foucaultiano) feministas no ensino da história, trazendo à tona a importância da participação da mulher na história.

## 2. Fundamentação teórica:

O ensino da história contribuiu e contribui, de maneira geral, para uma permanência da desigualdade de gênero presente na sociedade. Toda a historiografia foi construída, desde o princípio, em bases misóginas, recebendo, portanto, influências de pensamentos que foram responsáveis por reforçar a maneira inferiorizada e estigmatizada que a sociedade enxerga as mulheres. É possível evidenciar esse fato pela observação de legados que nos foram deixados, como os provenientes da mitologia grega e dos grandes pensadores, e pela análise do cristianismo e de seus discursos morais. (TEDESCHI, 2007, p. 332). Nesse sentido, podemos perceber de forma evidente as influências que tivemos até aqui, responsáveis por fazer com que a nossa história fosse, majoritariamente,



documentada sob uma perspectiva extremamente desigual quanto à protagonização e à participação dos indivíduos, fazendo com que a presença feminina fosse significativamente escassa.

Uma de nossas heranças vem da Grécia, que contribuiu de forma bastante expressiva para a construção de uma imagem da figura feminina como ausente ou pouco participativa. Desde os primeiros registros gregos, os mitos, as mulheres das narrativas já eram representadas como menos capazes e com menos poderes do que os homens. Eram sempre as que ficavam em casa, cuidando de seus filhos, enquanto os seus maridos participavam das guerras. Eram, também, muitas vezes, consideradas símbolos de conquista e de honra dos homens, como pode ser percebido na obra *Iliada*, de Homero, uma vez que o principal conflito desse enredo se deu a partir de uma disputa entre dois grandes guerreiros por figuras femininas que, sendo assim, serviam como objetos de honra para eles (*Iliada* I, 1-611).

Além desses registros, logo que a democracia grega estava começando a se formar, essa hierarquização de papéis esteve presente, uma vez que o fator “ser mulher” já era o bastante para que a mesma não fosse considerada cidadã e, por consequência, não estivesse apta a participar da política e das discussões na ágora, nem apta a propor e expressar suas ideias (TÔRRES, 2001, p. 49). Posteriormente, Aristóteles foi um exemplos de grande pensador grego que compartilhava, também, de um pensamento similar a esses mencionados, como demonstrado por sua afirmação de que “A relação de homem para mulher é, por natureza, uma relação de superior para inferior e de governante para governado” (*Política*, I, 5, 1254b 12-13.), que deixa evidente a visão que tinha não apenas da figura das mulheres, mas também do papel político e social que elas deveriam exercer.

Para ir além dessa breve construção cronológica e histórica do pensamento grego e de sua relação com a posição inferior dada a mulher até aqui, pode-se analisar ainda a influência de uma das mais fortes vertentes religiosas do mundo, o cristianismo. Segundo o livro bíblico de Timóteo:

A mulher aprenda em silêncio, com toda a sujeição. Não permito, porém, que a mulher ensine, nem use de autoridade sobre o marido, mas que esteja em silêncio. Porque primeiro foi formado Adão, depois Eva. E Adão não foi enganado, mas a mulher, sendo enganada, caiu em transgressão. Salvar-se-á, porém, dando à luz filhos, se permanecer com modéstia na fé,



no amor e na santificação. (BÍBLIA, Timóteo, 2, 11-15).

Esse é apenas um dos vários exemplos que se pode citar que evidenciam uma ideia de submissão feminina ao homem e, principalmente, o destino da mulher às tarefas restritas ao espaço de suas casas, ou seja, ao espaço privado e, mais uma vez, não pertencente ao público. Assim, considerando que quase um terço da população mundial é, hoje, cristã, fica evidente a influência dessa religião e de seus dogmas perante a sociedade atual.<sup>1</sup>

### 3. Metodologia:

O presente trabalho iniciou-se pela leitura dos artigos *O fazer histórico e a invisibilidade da mulher* (TEDESCHI, Losandro Antônio. OPSIS v.7, 2007) e *A ciência e as relações de gênero*, (ARAÚJO, Denise Bastos de. A ciência e as relações de gênero. Estudos IAT, v.1, 2010), a fim de compreender a invisibilidade da figura feminina na Historiografia Tradicional. Para aprofundar-se e confirmar as informações relatadas nesses artigos, então, recorreu à análise dos discursos dominantes em determinados períodos históricos, como a Grécia Antiga, através do estudo de grandes textos de cada época, como de “*Política*” (ARISTÓTELES. *Política* I. Trad. de A. C. Amaral e C. de Carvalho Gomes. Lisboa: Vega, 2000.) e do “*Livro de Timóteo*” (TIMÓTEO 2: 11 a 15 - BÍBLIA. Português. Bíblia Sagrada. Nova Versão Internacional. São Paulo: Bíblica Brasil, 2000). Assim, chegou em sua conclusão através do confronto entre os artigos e os fatos históricos.

### 4. Análise:

Fica claro, portanto, que nós, seres humanos, ao longo de toda a história, fomos vítimas de um legado androcêntrico deixado, dentre outros, por grandes escritores, grandes filósofos e influentes religiões. Por isso, a falta de representação feminina nos registros de nossa historiografia é um reflexo de todo o conteúdo, todos os registros, todos os pensamentos e todos os modelos sob os quais a sociedade foi erguida e construída e que, portanto, fez com que não fosse dada atenção e luz à participação que as mulheres tiveram no decorrer dos fatos históricos e ao legado que elas deixaram.

Constatamos, enfim, que a história das mulheres é uma história recente que se ressent de um passado mal contado. Além disso, permaneceu um

<sup>1</sup> “Global Christianity.” Pew Research Center, Washington, D.C. 2011.



sabor de itinerário inacabado que só reforçou a nossa convicção de que cultivar a memória das mulheres é sobretudo fazer justiça. Afinal, não se pode esquecer ou banalizar o esforço individual e coletivo de milhares e milhares de brasileiras que, inconformadas com sua condição, se rebelaram contra a situação estabelecida: foram índias contra a violência dos colonizadores, negras contra a escravidão, brancas contra os valores patriarcais vigentes, todas lutando pela transformação das regras impostas ao feminino.” (SCHUMAHER; BRAZIL, 2000, p. 10)

Frente a tais problemas, evidencia-se, então, a necessidade de se fazer uma transformação nesse cenário através da reformulação dos modos de ensinar e pensar a história. Um exemplo da eficiência dessa metodologia de ensino e pesquisa em história é a historiadora Michelle Perrot, mestre em História da Mulher, que, por meio de sua obra *As mulheres ou os silêncios da história*, trouxe, até nós, conhecimento sobre personalidades femininas que fizeram parte da história brasileira, tanto em movimentos operários, quanto na luta para a igualdade das questões de gênero e na literatura, como é o caso, por exemplo, das três filhas de Karl Marx, citadas pela autora em seu texto, por terem participado de movimentos operários e escrito importantes artigos e ensaios. (WOITOWICZ, 2008, p. 253)

Através, ainda, de uma reconsideração do currículo acadêmico das faculdades e de abordagens de pesquisa é possível pôr em cheque a produção do discurso nesses âmbitos, sendo que “é preciso considerar-se seriamente formas de introduzir o ponto de vista e a experiência feminina na escola e no currículo” (TEDESCHI, 2007, p. 336). Como consequência, “Isso permitirá uma visualização do problema que constituiria um elemento provocador de debate do elemento público” (*ibidem*), dando a possibilidade de surgir novos discursos (no sentido Foucaultiano) de perspectivas legadas do feminismo, formando então sujeitos cada vez menos sexistas. Portanto, é com a propagação e o investimento em um ensino que contemple, também, as experiências das mulheres, que se faz conhecer esse legado e essas experiências femininas que, em sua grande maioria, não chegam tradicionalmente até nós.

## 5. Conclusão:

Assim, tendo em vista o exposto, torna-se claro que, devido à opressão sofrida e à perspectiva patriarcal que apresentou-se nas sociedades ao longo dos séculos, as mulheres foram excluídas da atuação ativa no espaço público e, conseqüentemente, ocultas da historiografia tradicional, tornando-se invisíveis aos



olhos da posteridade. Desse modo, conclui-se que uma mudança no modo de pensar a história, através de uma reformulação da historiografia e do ensino, é essencial para aumentar a visibilidade da atuação da mulher no passado e, principalmente, que tal visibilidade é fundamental para modificar o discurso androcêntrico vigente e, assim, combater a perspectiva patriarcal, cerne da desigualdade de gênero.

### Referências Bibliográficas:

ARAÚJO, Denise Bastos de. A ciência e as relações de gênero. Estudos IAT, v.1 (2010), p. 4-17. Acesso em: 20/09/2020 Disponível em: <http://estudosiat.sec.ba.gov.br/index.php/estudo%20siat/article/view/1>

ARISTÓTELES. *Política* I. Trad. de A. C. Amaral e C. de Carvalho Gomes. Lisboa: Vega, 2000.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. trad. E. Cordeiro e A. Bento. Paris: Gallimard 1971, p. 15; Collège de France. Acesso em: 16/09/2020. Disponível em: [http://www2.eca.usp.br/Ciencias.Linguagem/Foucault\\_ordemdodiscurso.pdf](http://www2.eca.usp.br/Ciencias.Linguagem/Foucault_ordemdodiscurso.pdf)

“Global Christianity.” Pew Research Center, Washington, D.C. 2011. Acesso em: 04/10/2020. Disponível em: <https://www.pewforum.org/2011/12/19/global-christianity-exec/>

HOMERO. *Ilíada*. Tradução e prefácio de Frederico Lourenço – São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2013.

SCHUMAHER, Maria Aparecida; BRAZIL, Érico Teixeira Vital (Org.). **Dicionário Mulheres do Brasil**. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 2000.

TEDESCHI, Losandro Antônio. *O fazer histórico e a invisibilidade da mulher*. OPSIS v.7 (2007), p. 329-339. Acesso em: 16/09/2020. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/Opsis/article/download/9347/6439/>.

TIMÓTEO 2: 11 a 15 - BÍBLIA. Português. Bíblia Sagrada. Nova Versão Internacional. São Paulo: Bíblia Brasil, 2000.

TÔRRES, Moisés Romanazzi. Considerações sobre a condição da mulher na Grécia Clássica (sécs. V e IV aC).

Mirabilia: electronic journal of antiquity and middle ages. (2001), p. 48-55.

WOITOWICZ, Karina Janz. *Ecos de uma história silenciosa das mulheres*. Estudos Feministas, Florianópolis, 16(1): 147-163, janeiro-abril/2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ref/v16n1/a24v16n1.pdf>